



Jesus seca!

Walter Nique

Verviers, Bélgica, janeiro de 1980. Cheguei à casa de uma prima da minha avó. Eu, em função da sua idade, chamava-a de tia. Tia Helena. Uma senhora solteirona, sisuda, beata até a ponta do cabelo, já velhinha. Naquela época, quem tinha mais de 70 anos já era considerada uma pessoa muito velha. Tinha sido parteira, e também foi condecorada por heroísmos durante a Segunda Guerra Mundial – ajudou a salvar muitas crianças judias.

Eu morava em Grenoble. Estava cursando meu doutorado, lá na França. Queria aproveitar uns dias de folga na universidade para conhecer a parte belga da família.

Havia trocado algumas cartas com eles – sim, naquele tempo, eram cartas mesmo que se enviavam, cartas de papel, que já estão amareladas, guardadas junto às fotos, aos livros e recuerdos daquela época – escrevia para os parentes da minha avó, que nunca saíram de sua região natal e eles sempre foram muito receptivos. Decidi visitá-los.

A Tia Helena morava na casa que tinha pertencido aos meus avós. Eles haviam rumado para o Brasil em 1924. Ela ainda guardava diversos pertences das minhas origens. Seus irmãos moravam ali por perto, no mesmo bairro dessa pequena cidade chamada Verviers, no interior da Bélgica, a uns 120 km de Bruxelas. Um casal de tios foi me buscar na estação de trem. Eu tinha percorrido o trajeto Grenoble-Paris-Bruxelas-Verviers – o que durou cerca de 12 horas de viagem – até, finalmente, conhecer as minhas raízes e me encontrar, me entender. Fui o primeiro da família que estava instalada na América a visitar as origens na Bélgica – fazia 56 anos que não se tinha esse contato pessoal.

Estava muito cansado, suado, com fome. Fui levado diretamente para a casa da Tia Helena. Fui instalado no mesmo quarto e cama em que meus avós dormiam. A tia havia preparado uns waffles quentinhos e saborosos para comermos naquela noite. E nunca comi melhores do que aqueles feitos por aquelas mãos!

Quando me deitei, posso jurar que senti o cheiro do meu avô, o que me fez passar aquela primeira noite imaginando como tinha sido a vida deles ali, as comidas que comiam, as conversas que fiavam, o que os levou a cruzar o Atlântico e nunca mais voltar. O sono não veio rapidamente, mas mesmo assim aquela noite foi boa. Gostei de estar ali remontando, repensando a

história dos meus antepassados.

Na manhã seguinte, quando levantei, a Tia Helena já estava com o café pronto, a mesa posta. Reparei na colocação dos pratos e xícaras – exatamente do mesmo modo que meus avós costumavam dispor a mesa, e que eu aprendi a fazer com eles. Realmente estava em família, pensei.

Antes de tomarmos o petit déjeuner, pedi para fazer a minha higiene (lá, só se tomava banho uma vez por semana, então tive que me adaptar à cultura local). Fazer a higiene consistia em fazer a barba, lavar embaixo dos braços e passar a toalha de rosto aqui e ali... O detalhe inusitado era que isso tudo ocorria dentro da cozinha, que, por sinal, era enorme. Havia duas pias, uma para os alimentos e louças e outra pour faire la toilette. Esta segunda ficava num cantinho da cozinha. Bem, fui lá e cumpri com a primeira tarefa do dia, um pouco constrangido de a tia estar no mesmo recinto enquanto eu me lavava, mas fazer o quê...

Fiquei com a toalha com a qual me lavei e me enxaguei e perguntei à tia onde deveria estender a mesma. Ela sorriu e respondeu: “- Jesus vai secar!” Não entendi. Pensei que, talvez, meu francês não estivesse tão bom assim, devia ter entendido algo errado. Continuei com a toalha pendurada ao redor do pescoço. Ajudei a tia a cortar o pão. Perguntei novamente: “Tia Helena, onde posso colocar a toalha?”, ela, com o mesmo sorrisinho de antes, responde calmamente: “- Não te preocupa, Jesus vai secar!” Ela viu que eu estava um pouco desorientado, tentando juntar as palavras e entender o que não fazia sentido. Uma afirmação um tanto quanto capciosa. Seria a tia tão beata assim? Tudo bem que ela fosse à missa diariamente, às vezes até duas vezes por dia. Mas daí até a achar que tudo na vida é responsabilidade e cuidado de Jesus já era demais... Seria a tia assim tão carola que colocava tudo nas mãos de Deus?

Ela viu minha inquietude e me mostrou a que se referia: acima da salamandra que aquecia o ambiente e toda a casa naquele inverno frio, havia uma estátua de Jesus, mais precisamente do Sagrado Coração de Jesus. Ela costumava pendurar a toalha nas mãos de Jesus, que ficava então responsável por secar a toalha junto à salamandra.

Bingo! Entendi mais uma parte minha, mais uma parte de quem eu sou, do que me constitui: a origem do meu bom-humor, das minhas leves “sacaganagens” para alegrar o dia.

Como faz bem beber das nossas raízes para nos conhecermos! Me fez tão bem que voltei lá várias vezes para degustar os waffles...